

Museu Indígena Jenipapo Kanindé – MIJK



Maria de Lourdes da Conceição Alves - Cacique Pequena

1- Introdução

Este portfólio busca apresentar um pouco da luta, cultura e história do povo Jenipapo Kanindé, enfatizando principalmente o processo de construção de uma unidade museológica no interior de sua comunidade indígena. A estruturação deste espaço de memória na localidade da Lagoa Encantada é parte de um processo de organização e luta política, de incremento das atividades educacionais da Escola Diferenciada e do turismo comunitário na perspectiva da construção de uma representação dos próprios índios sobre suas histórias, memórias e patrimônios. Nas linhas que seguem, apresentaremos a trajetória de constituição e parte da concepção histórica e antropológica que fundamenta a exposição de longa duração do Museu Indígena Jenipapo Kanindé- MIJK, bem como elencaremos em todo o texto uma série de imagens de atividades de pesquisa e memória social desenvolvidas pela comunidade desde o período anterior a fundação do seu museu.

Boa leitura a tod@s!

2 - De Cabeludos da Encantada a índios Jenipapo Kanindé.

Os Jenipapo-Kanindé habitam há várias gerações no município de Aquiraz, mais precisamente às margens da “Lagoa da Encantada”, no distrito de Jacaúna (praia do Iguape). Passaram a vivenciar processos de organização em torno da identidade étnica, que se fortaleceu a partir do início da década de 1990, através de uma mobilização comunitária que chamou atenção da imprensa, de entidades indigenistas e da Igreja católica no Ceará, desde o início dos anos de 1980, com a chegada de pesquisadores vinculados às universidades locais, inicialmente e, posteriormente, grupos vinculados à igreja e universidade.

Este grupo social sempre foi reconhecido pelas comunidades vizinhas (Batoque, Iguape, Prainha, Tapera, Tapuio, Aquiraz-sede etc.), com quem mantém relações diversificadas (parentesco, comercialização e trocas) e contatos de longa data, como os ‘Cabeludos da Encantada’, pelo fato de viverem nas margens da lagoa deste nome e usarem um tipo diferente de corte de cabelo, fronteira étnica e parte de um conjunto de traços diferenciadores, fato bem representativo para pensarmos sobre a constituição das diferenças e o seu reconhecimento por parte da sociedade envolvente, construídas por este grupo social durante sua história e formação cultural.

Na década de 1980 os “Cabeludos da Encantada”, assessorados pela Pastoral Indigenista da Arquidiocese de Fortaleza, por entidades indigenistas e por grupos vinculados à Universidade, assumiram o etnônimo Jenipapo-Kanindé, ao mesmo tempo em que iniciaram sua mobilização política através da participação nas articulações do movimento indígena cearense. Desde então, passaram a lutar pelo reconhecimento oficial da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que ocorreu entre de 1997 e 2002, quando um Grupo Técnico designado pelo órgão realizou os estudos visando o reconhecimento étnico, a identificação e delimitação da Terra Indígena Lagoa Encantada.

Há nas lembranças dos mais velhos, referências à ascendência Payaku, grupo étnico que protagonizou, junto a tantos outros, uma intensa luta de resistência contra o avanço dos invasores nos séculos XVII e XVIII na capitania do Siará-Grande. Ao assumirem-se como Jenipapo-Kanindé, atualizaram a sua consciência étnica num contexto propício de mobilização política em busca por direitos constitucionais.

Desde 1995 a Cacique Pequena, como é mais conhecida a senhora Maria de Lourdes da Conceição Alves, lidera a etnia na luta pelo cumprimento dos direitos

indígenas, pela demarcação de suas terras e em defesa da Lagoa da Encantada, constantemente ameaçada pela especulação e poluição.

A Lagoa da Encantada e a mata circundante, fontes de sobrevivência física e cultural, são os espaços sagrados onde moram seus mitos e encantos ancestrais. Esta íntima relação entre natureza e cultura é fundamental para sua identificação e reconhecimento étnicos, bem como para o fortalecimento do sentimento de pertença ao grupo indígena.

Mantêm um ritmo de trabalho próprio. Plantam mandioca o ano todo e legumes por épocas do ano: milho, feijão, batata-doce, castanha de caju e outros. De cultura intimamente ligada a pesca, realizam esta atividade preferencialmente à noite, praticamente o ano todo, havendo várias formas de praticá-la, tanto com as mãos como com armadilhas que os próprios índios condicionam, como caçoeira, o giki e a tarrafa. Fazem artesanato de cipó, e as mulheres da etnia tecem rendas e fazem louça de barro. A partir de setembro incia-se a safra do caju, quem tem especial significado na comunidade, pois que dele fazem doces e sucos, além do mocoororó, bebida usada em festividades e durante a realização do Toré.



Vista aérea da Lagoa da Encantada



Plantações as margens da Lagoa da Encantada

Atualmente estão organizados no Conselho Indígena Jenipapo-Kanindé, instância deliberativa para questões internas e na Associação das Mulheres Indígenas Jenipapo-Kanindé – AMIJK, entidade proponente do Edital Pontos de Memória e responsável por organizar uma série de atividades de culturais e de memória na comunidade, dentre elas destacamos a denominada de *Festa do Marco Vivo*, realizada

ano a ano a desde abril de 1997, quando um grupo de lideranças resolveu dar início a essa celebração e convidar outras etnias indígenas do Ceará como os Tapeba, Pitaguary, Tremembé dentre outros, para esse momento sagrado para a aldeia dos Jenipapo-Kanindé.

A *Festa do Marco Vivo* representa a reafirmação da identidade cultural indígena. É uma festa ecológica e sustentável, em agradecimento as conquistas provindas da luta cotidiana. Durante a comemoração os Jenipapo Kanindé realizam pinturas corporais, cantam, rezam, bebem mocororó e dançam o Toré ao redor de um troco de *yburana*, ou imburana, de nome científico *Amburana cearensis*. Materiais como o cipó, palha, sementes e barro são utilizados para confeccionar os objetos usados na Festa do Marco Vivo. Ao final do ritual saem em procissão e carregam no ombro, por meio de um revezamento, o troco da árvore sagrada pelos limites do território que reivindicam demarcação. Após aproximadamente 40 minutos de trilha, seguida por dezenas de pessoas, a Cacique sela mais um ano de Marco-Vivo: o tronco de *yburana* é plantado no chão, para "pegar raiz", e dali surgir uma nova árvore, mais uma para contar a história — assim como outras 13 árvores, que são fincadas desde o ano de 1997.



Imagem do cartaz da Festa do Marco Vivo 2010



Crianças Jenipapo - Kanindé durante a Festa do Marco Vivo (2011).



Cacique Pequena e suas filhas durante a Festa do Marco Vivo (2011)

3 - A gênese do Museu Indígena Jenipapo- Kanindé

Em maio de 2009, representantes da etnia participaram do seminário “Emergência étnica”¹, e apesar de não terem sido contemplados com as oficinas do projeto, solicitaram a construção de um museu indígena na Lagoa Encantada aos organizadores da iniciativa.

Entretanto, foi a partir de outra parceria que se iniciou na comunidade o trabalho de sensibilização para a importância da criação de um espaço de memória local. Em abril de 2010 foi realizado à convite da Associação de Amigos do Museu Sacro São José de Ribamar de Aquiraz (AAMA) e do Museu do Ceará, a pesquisa e concepção da exposição “**De Cabeludos da Encantada a índios Jenipapo-Kanindé: cultura, memória e organização étnica no Ceará contemporâneo**”, por ocasião da realização de um seminário homônimo, organizado por conta do dia do índio em 2010. Este seminário teve por objetivo realizar uma programação cultural direcionada para a ampliação do debate sobre a presença indígena em Aquiraz, composta por cursos, palestras, oficinas e mesas-redondas, que ocorreram prioritariamente na sede do município, nas instalações do anexo do Museu e auditórios da prefeitura municipal. (programação em anexo).

Esta ação foi realizada a partir de uma parceria entre o Projeto Historiando e os Jenipapo-Kanindé. A exposição foi montada no anexo do Museu Sacro, ficando em cartaz entre abril e junho de 2010. Dividida em três módulos relacionados (memória, história e organização étnica), mostrou um pouco da memória indígena no Ceará, no

¹ Em maio de 2009, grupos indígenas, negros e quilombolas participaram do Projeto *Emergência étnica: índios, negros e quilombolas construindo seus lugares de memória no Ceará*, realizado pelo Instituto da Memória do Povo Cearense (IMOPEC) e pelo Museu do Ceará. Tal seminário foi elaborado na perspectiva de realizar uma consulta aos grupos étnicos acerca da elaboração de políticas públicas culturais direcionadas para a memória, o patrimônio e os museus. O Seminário, uma das fases do projeto, agregou mais de 120 lideranças dos movimentos indígena, negro e quilombola do Ceará, nos dias 15, 16 e 17 de maio de 2009. Outra linha de atuação do mesmo foi a realização da oficina *Diagnóstico Participativo em Museus*, que foram coordenadas por nós do Projeto Historiando, junto a seis grupos indígenas que já possuíam alguma iniciativa relacionada à musealização e salvaguarda do patrimônio cultural. A oficina socializou ferramentas metodológicas que possibilitaram aos participantes formularem propostas de reestruturação, criação e auto-gestão de espaços museológicos em suas comunidades. Foram realizadas entre os grupos que possuem espaços museológicos (Kanindé de Aratuba, Tapeba de Caucaia e Tabajara/Kalabaça de Poranga), e nas que possuem espaços comunitários com iniciativas relacionadas ao patrimônio cultural (Potiguara/Tabajara/Gavião de Monsenhor Tabosa, Tremembé de Almofala e Pitaguary de Monguba). A partir destas oficinas/visitas técnicas, foram elaborados diagnósticos visando nortear as modificações nestes espaços, a partir das demandas ditadas durante as atividades, que foram publicados no livro “Museus e memória indígena no Ceará: uma proposta em construção” (GOMES; VIEIRA NETO, 2009).

passado e no presente, a partir da trajetória dos “Cabeludos da Encantada”, enfatizando a diversidade cultural e o processo de organização e luta política deste grupo étnico. Através de objetos, fotografias e documentos, foi contada um pouco da história dos Jenipapo-Kanindé no contexto dos processos de emergências étnicas desencadeados no Ceará.

Esta ação inicial desencadeou um processo de articulação visando a construção do Museu Indígena Jenipapo-Kanindé - MIJK, a partir de uma coleta inicial de objetos e a concepção de uma exposição fora da aldeia, no espaço urbano de Aquiraz, mas com intensa participação da comunidade em todo o processo de sua constituição.



Abertura da Exposição “De Cabeludos da Encantada a índios Jenipapo-Kanindé: cultura, memória e organização étnica no Ceará contemporâneo”. Museu Sacro São José do Ribamar, Aquiraz, 2010.



Estudantes visitando a exposição “De Cabeludos da Encantada a índios Jenipapo-Kanindé: cultura, memória e organização étnica no Ceará contemporâneo”. Museu Sacro São José do Ribamar, Aquiraz, 2010.

A outra articulação importante para a constituição do MIJK teve início com a parceria do Projeto Historiando com a Rede Tucum para a realização de pesquisas sobre história e patrimônio cultural em comunidades litorâneas no Ceará, na intenção de construir espaços de memória local e a partir de processos de musealização de comunitária.

Em julho de 2010, iniciou-se o curso “Historiando os Jenipapo-Kanindé”, com o objetivo de realizar uma pesquisa histórica coletiva e um inventário participativo do patrimônio cultural local, desenvolver uma campanha de coleta de objetos para a formação do acervo do museu e estruturar minimamente um espaço físico que pudesse abrigar a exposição resultante das ações mencionadas. Era o nascedouro do que veio a se chamar Museu Indígena Jenipapo Kanindé.



Material didático do curso Historiando os Jenipapo-Kanindé. Lagoa da Encantada, 2010.



Participantes do Projeto Historiando durante a Festa do Marco Vivo, Lagoa da Encantada, 2010.



Participantes do Projeto Historiando realizando entrevista com os guardiões da memória. Lagoa da Encantada, 2010.



Participantes do Projeto Historiando realizando entrevista com os guardiões da memória. Lagoa da Encantada, 2010.



Participantes do Projeto Historiando realizando entrevista com os guardiões da memória. Lagoa da Encantada, 2010.



Participantes do Projeto Historiando realizando inventário e registro dos lugares de memória. Lagoa da Encantada, 2010.



Participantes do Projeto Historiando realizando inventário e registro dos lugares de memória. Lagoa da Encantada, 2010.



Placa de boas vindas. Lagoa Encantada, Aquiraz, 2010.

4 – Pesquisa, roteiro e concepção da exposição do MIJK

A proposta de construção de uma exposição de longa duração para o Museu Indígena Jenipapo Kanindé buscava reunir as informações já obtidas a partir da exposição “**De Cabeludos da Encantada a índios Jenipapo-Kanindé**” ao material pesquisado e inventariado durante o curso “**Historiando os Jenipapo-Kanindé**”.

Deste modo, aos painéis, objetos e documentos já elaborados para a primeira exposição, foram incorporados mais sete painéis (mais relacionados com a pesquisa histórica e o mapeamento do patrimônio cultural realizados pelo grupo participante do curso Historiando os Jenipapo Kanindé), novos objetos, fotografias e documentos coletados durante o processo. Assim, a exposição de longa duração ampliou a pesquisa histórica (jornais, documentos e estudos) e bibliográfico-acadêmica (dissertações de mestrado em Sociologia de Roselane BEZERRA e Kléber SARAIVA) já realizada outrora, com novas informações históricas e antropológicas produzidas pela própria comunidade, na perspectiva de contar sua própria história e organizá-la num espaço de memória em primeira pessoa do plural.

A idéia principal era fundir a exposição inicial com as novas pesquisas, selecionando objetos, fotografias e documentos que dialogavam com as temáticas propostas para nova exposição e a partir daí ir construindo uma narrativa que pudesse contemplar as memórias, a história, o processo de organização étnica e o patrimônio cultural. Deste modo, a nova exposição foi idealizada e montada de forma colaborativa pelos assessores do Projeto Historiando e participantes da oficina Historiando os Jenipapo-Kanindé e ficou subdividida em quatro módulos temáticos por meio do qual a comunidade conta suas histórias e memórias. São eles:

Módulo I: Memória

Esta parte vai tratar da memória social desta comunidade, realizando um diálogo com suas pertencas étnicas e ancestralidade, no qual a etnia Payaku terá um papel prioritário como grupo de referência a um passado indígena. Este elo de continuidade entre o presente e o pretérito será ressignificado e atualizado em determinado momento da história do grupo, a década de 1980, a partir do qual passaram a reivindicar a identidade étnica indígena Jenipapo-Kanindé, num processo de interação com diversos agentes sociais, como os pesquisadores da universidade, a igreja católica, associações indigenistas e os outros grupos indígenas então organizados no estado. Neste módulos trazemos trechos de entrevistas de produzidas por pesquisadores da etnia.

Texto 1.

O povo dizia que nós era índio, todo mundo pelas outras região sem ser o Riacho e Encantada conhecia eles aqui como os ‘cabeludo’, sabiam que eles eram índio porque era uma pessoa de mudado de tudo, era de mudado a cor, era de mudado a pele, a fala, de mudado o cabelo, o modo, o sistema, o jeito de andar, o jeito de comer e jeito de viver, em tudo era de mudado, em tudo o outro povo achava que tudo deles que pertencia ao povo de Encantada e ao povo do Riacho era diferente deles, de tudo era diferente. (Depoimento de Maria de Lurdes da Conceição Alves, a Cacique Pequena, julho de 1997, Lagoa da Encantada. IN: BEZERRA, Roselane Gomes. O despertar de uma etnia: o jogo do (re)conhecimento da identidade indígena Jenipapo-

Kanindé. Universidade Federal do Ceará, Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 1999, p.67.)

Texto 2.

Meu pai Alfredo dizia que meu bisavô, pai do pai, tinha vindo de **Baturité**, talvez em 'ripiquete' de seca grande, no começo do ano, porque ele nasceu na era do um (1901), meu pai e seu pai já nasceram aqui no Riacho, na certa foi nos anos passados que os pais dele vieram rebolando de lá pra cá e encontraram aqui no Riacho um lugar de muita fartura, tinha muito peixe, ostra, pixoleta, muito marisco, camarão, siri, caranguejo, todas essas coisas, eles acharam que aqui era um canto conveniente para eles ficarem (...). Muito minha mãe dizia isso: minha filha seus avô por parte de pai é do Baturité, seus avô por parte de mãe é da Pavuna (...) Pavuna é aqui pra banda de **Pacajus** (...). Ela dizia que eles tinha vindo morar aqui e aqui tinha se prantado. **(Depoimento de Maria de Lurdes da Conceição Alves, a Cacique Pequena, julho de 1997, Lagoa da Encantada. IN: BEZERRA, Roselane Gomes. O despertar de uma etnia: o jogo do (re)conhecimento da identidade indígena Jenipapo-Kanindé. Universidade Federal do Ceará, Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 1999, p.75.)**

Era apelido, o veio Zé Simplício a barba dele vinha bem aqui assim, era mesmo que prata bem alvinha, aí por causa do cabelo que era muito grande, apelidaram ele por cabeludo, aí ficou os cabeludo da Encantada, quando saiam pra pescar o povo de fora dizia que eles era os Cabeludos da Encantada **(Depoimento de Maria do Carmo, 70 anos, setembro de 1997, Lagoa da Encantada. IN: BEZERRA, Roselane Gomes. O despertar de uma etnia: o jogo do (re)conhecimento da identidade indígena Jenipapo-Kanindé. Universidade Federal do Ceará, Dissertação de Mestrado no Programa de Pós Graduação em Sociologia, 1999, p. 66.)**

Módulo II - História

Neste módulo, realizamos um diálogo entre temporalidades diferenciadas. Trás documentos-objetos-painéis que fazem alusão aos Payacus dentro do contexto da história indígena local, e seu papel como um dos povos mais resistentes no Ceará colonial, inicialmente e, posteriormente, seu aldeamento entre Baturité e Pacajus (atuais). Retomaremos com a história da emergência étnica no Ceará, com a organização dos povos indígenas a partir da década de 1980, a partir de uma nova leitura da história local que realizam quando afirmam sua etnicidade indígena num estado que os tinha invisibilizado oficialmente. Para abrir o diálogo, uma confrontação entre versões distintas da história: a das lideranças indígenas em seu processo de organização e dos documentos que afirmavam, na segunda metade do XIX, que estavam dispersos na massa da população. Os dois módulos iniciais dialogam entre si diretamente.

Texto 1

Sobre a história indígena no Ceará

A região que se transformou na capitania do Siará-Grande abrigou mais de 20 grupos étnicos no período colonial da história do Brasil. Rodeada de limites naturais precisos (serras de Ibiapaba, chapadas do Cariri e do Araripe), o Siará-Grande só começou a ser invadido pelos europeus efetivamente no início do século XVII. Violentos conflitos pela posse da terra se deram a partir da expulsão dos holandeses (1654), com a disputa pelas ribeiras dos rios Acaraú, Jaguaribe e seus afluentes. Esta série de conflitos, dentre outros ocorridos no sertão e no litoral do atual Nordeste brasileiro, ficaram conhecidos como "Guerra dos Bárbaros", e duraram continuamente até as primeiras décadas do século XVIII.

Ao mesmo tempo em que o sertão estava em guerra permanente, a partir de 1660 foram organizados lentamente os aldeamentos missionários (Porangaba, Paupina, Caucaia, Ibiapaba e Paiacu, entre outros) que atuaram na imposição do modo de vida cristão-ocidental aos povos indígenas, reunindo diferentes grupos étnicos num mesmo espaço físico. Mesmo assim, os aldeamentos tornaram-se lugares de refúgio e resistência, onde os povos indígenas recriaram suas culturas e identidades. Em 1759, os jesuítas foram expulsos do Brasil e os aldeamentos transformados em vilas de índios, com estímulo aos casamentos entre brancos e índios e um intenso controle da mão-de-obra indígena. As terras dos antigos aldeamentos são pouco a pouco tomadas, sob a justificativa ideológica de que os índios estavam miscigenados e confundidos na massa da população.

Quem eram os bárbaros desta história: os povos indígenas que aqui habitavam, defendendo suas culturas, terras e famílias, ou os portugueses, ávidos por riquezas, terras férteis e mão-de-obra para o desenvolvimento do seu projeto colonial no novo mundo?

Texto 2

Em 1681, datas de sesmarias* já haviam sido concedidas. Travava-se a guerra do índio contra o gado, sendo este símbolo de poder e de massacre. O colonizador legitima a posse da terra pelo regime de sesmaria. E os pólos de poder se invertem na medida da perda da terra pelo índio: o índio, que era invadido, agora é reduzido à condição de invasor.

A primeira Nação indígena fortemente atingida, com a implantação das fazendas de criar no vale do Jaguaribe, foi a Nação Paiakú.

Tendo o governo decidido aniquilar a reação tentada pela Nação Paiakú contra a dominação portuguesa, o militar Jorge Correia da Silva recebe o encargo de exterminar por completo os Paiakú e com isso estabelecer a 'paz' na capitania. Assim ele se expressa: **'E conforme destruímos esta nação de Paiacús no que se fará num grande serviço a Deus e a Sua Alteza (...)**'

Sucedem-se as batalhas. Enquanto lutam, seus filhos e suas mulheres são traiçoeiramente seqüestrados. Em troca da liberdade das mulheres e dos filhos, são obrigados a lutar ao lado dos próprios fazendeiros contra seus irmãos índios. Mas de volta das operações de combate, trazem presos os soldados do exército português. Assim, podiam resgatar os índios em poder do colonizador. Até 1688, os índios permaneceram senhores absolutos da situação. (IN: CORDEIRO, José. **Os índios no Ceará – Massacre e Resistência. Fortaleza: Hoje assessoria em educação, 1989, p. 43.**)

*Sesmaria era um título de posse de terras, que eram doadas a pessoas que se comprometiam a colonizá-las, o que pressupõe a expulsão dos seus habitantes originários, sua defesa e a produção. Foi medida agrária instituída em Portugal e transposta para o Brasil-colônia, com algumas modificações.

Texto 3

Os Paiacus (...) residiam entre os rios Pirangi e Choró, ao nascente da **serra de Baturité**; foram reunidos em Missão por Padres seculares, e ao depois educados pelos Jesuítas, e aldeados em **Monte-mór-Velho**. (IN: THEBERGE, Pedro. **Esboço histórico sobre a província do Ceará. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001(1869), p. 5.**)

Freguezia de N. S. da Conceição do Monte-mór Velho.

Abriu-se a visita a 2 de Fevereiro de 1806; encerrou-se a três do mesmo mez. A antiga Missão do Paiacú situada dentro da freguezia do Aquiraz por ordem de sua magestade foi creada vigararia e he habitada de Índios da língua travada a quem chamam Paiacú, e tem por Orago a N. S. da Conceição e nella há igreja e sacerdote (...).

Freguezia da Villa de N.S. da Palma de Monte-mór-novo.

Abriu-se a visita a 11 de Fevereiro de 1806; encerrou-se a 13 do mesmo mez. A antiga Missão de N. S. da Palma na serra de Baturité foi creada Villa com o nome de Monte-mór novo da América em 14 de abril de 1754 em huma planície próxima a sobredita serra, e perto do rio Aracauaba, e por ordem de S. Magestade foi elevada a vigararia, he habitada de Portuguezes e Índios chamados, digo, da nação Genipapo, e tem por Orago N. S. da Palma e nella há as Igrejas e sacerdotes (...).

Notícia das Freguezias do Ceará visitadas pelo Padre José de Almeida Machado nos annos de 1805 e 1806, extrahida d'um livro de Devassas que serviu na Visita. Autor: Padre José de Almeida Machado. IN: Documentação primordial sobre a capitania autônoma do Ceará. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

Texto 4

“Acuso a recepção do aviso circular de 28 de agosto ultimo, em que V.Exa. exige informações sobre diversos quesitos concernentes a cathequese e civilização dos indios aldeados e por aldear, afim de ser methodisado tão importante serviço. Em resposta, cabe me dizer a V.Exa. que nesta provincia **nenhuma tribu existe no estado selvagem**, e que desde o anno de 1833, epocha em que forão extinctas as Directorias a que estavam sujeitas as differentes aldeias estabelecidas na provincia, extinguirão-se estas, e **ficaram os indios confundidos na massa geral da população civilizada, sendo incorporada aos proprios nacionaes a parte devoluta dos terrenos (...)** alem destes foi ultimamente fundado, o anno passado, o pequeno aldeamento do termo de Milagres (...) do que restou da numerosa tribu dos Chocós (...). Data: 27/12/1861.

(Conjunto CE1.18: Secretaria do Governo da província do Ceará – Ofícios ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Livro: L144 - Registro dos ofícios da Presidência da província dirigidos ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, 1861-1872).

Módulo III - Organização étnica

Neste módulo, história e memória dialogam para a emergência da visibilidade étnica no Ceará, que pressupõe tanto a reescrita, o recontar de uma história social dos grupos e comunidades por eles próprios, um novo olhar, um reordenamento do passado local; como também a construção de uma memória de organização e luta, localizada temporalmente a partir de década de 1980. Deste modo, o foco será o processo de organização étnica no Ceará, no interior do qual localizamos os Jenipapo-Kanindé. Os jornais terão papel importantíssimo, pois através deles iremos perceber como foi representado o processo de organização política destes povos.

Texto 1

História da 1ª - Assembléia Indígena – 1994.

Em 1994 realizamos em Poranga, região de Crateús, a 1ª - Assembléia Indígena no Ceará, nos dias 26, 27 e 28 de agosto, com a presença de 79 indígenas de 7 povos do Ceará e 1 da Paraíba: Genipapo, Kalabaça, Kariri, Pitaguary, Potyguara de Monte Nebo, Tapeba e Tremembé de Almofala (do Ceará) e Potyguara (da Paraíba).

O objetivo dessa primeira assembléia, nascido da proposta de nós próprios, indígenas, foi para nós se encontrar, se conhecer, conversar juntos, sobre:

1. As raízes e a história de cada povo indígena: Quem somos nós.
2. As lutas e enfrentamentos, a nossa resistência.
3. As preocupações e dificuldades.

No final houve uma Romaria à “Cidade dos Cocos”, há 4 léguas de Poranga, a terra sagrada dos Kalabaça, com uma caverna muito importante, uma localidade também muito bonita e agradável.

Para essa assembléia várias pessoas, entidades e nós, grupos indígenas, contribuimos. Foi um conjunto de força e solidariedade. Lideranças indígenas dos Povos do Ceará: Genipapo-Kanindé, Kalabaça, Kariri, Pitaguary, Potyguara de Monte Nebo, Tabajara, Tapeba e Tremembé de Almofala.

Lideranças indígenas realizam segunda assembléia

A 2ª - Assembléia Indígena no Ceará será no sítio da Pastoral Operária, no Jangurussu, de 27 a 28 de outubro, o tema escolhido foi sobre saúde porque é um assunto que preocupa demais a todos os nossos povos.

Preparamos algumas perguntas para pensarmos nas nossas áreas para, na assembléia, a gente juntar essas realidades:

1. A situação de saúde nas nossas áreas.
2. Como nossos troncos ‘véios’ combatiam as doenças.
3. Como nós hoje estamos combatendo as doenças que nos atacam.
4. Como juntamos nossas forças espirituais para resolver os nossos problemas de saúde, de terra, de sobrevivência.

Estamos convidando o cacique Lázaro Kiriri (Mirandela-Bahia) e os Xocós da ilha de São Pedro (Sergipe), Capoib, Anaí-Bahia.

Objetivo:

- Conhecer mais a realidade da nossa vida, uns dos outros, partindo da questão da “saúde” nas nossas áreas;
- Uma oportunidade de troca de experiências no combate às doenças que nos atacam;
- Partilhar nossa cultura, aumentar nossa força espiritual. Desejamos muito preparar uma cartilha com esse material e agora juntar com o resultado dessa nossa 2ª - assembléia. (IN: Jornal Antena das comunidades. Data: Sábado, 21 de outubro de 1995).

Texto 2

A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DOS GRUPOS INDÍGENAS NO CEARÁ

Nós, do movimento indígena no Ceará, iniciamos nossas mobilizações no início dos anos de 1980, com a organização política dos Tapeba (Caucaia) e dos Tremembé de Almofala (Itarema), seguidos pelos Pitaguary (Maracanaú e Pacatuba) e Jenipapo-Kanindé (Aquiraz), posteriormente. A 1ª - Assembléia dos Povos Indígenas no Ceará ocorreu em 1994, em Poranga, então distrito de Crateús. Em janeiro de 2010 realizamos a nossa XV Assembléia Estadual, em Matões (Caucaia), terra dos Anacé. As assembléias são momentos em que nos reunimos para discutir, avaliar e traçar estratégias de luta. Cada povo, para ser reconhecido em nosso movimento, precisa estar organizado e mobilizado internamente nas suas aldeias em torno das demandas locais e estaduais, principalmente a assistência social na saúde e educação e a luta política pela demarcação das terras tradicionais.

Atualmente nós, grupos indígenas no Ceará, estamos organizados em associações municipais, estaduais e regionais, como a COPICE (Coordenação das Organizações dos Povos Indígenas no Ceará), a AMICE (Associação das Mulheres Indígenas no Ceará) e a APOINME (Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo). Os Jenipapo-Kanindé estão organizados no Conselho Indígena Jenipapo-Kanindé e na Associação das Mulheres Indígenas Jenipapo-Kanindé (AMIJK).

Este processo no qual os grupos indígenas se organizam politicamente e ganham visibilidade pública, visando reivindicar direitos constitucionais, considerado por alguns como um 'ressurgimento' e muito presente no Nordeste contemporâneo, é denominado por estudiosos de etnogênese e/ou emergência étnica. Mas, para nós, como disse a nossa Cacique Pequena, **“Nós não somos povos emergentes, nós somos povos resistentes!”**

Módulo IV - Patrimônio Cultural

Este módulo estará mais diretamente relacionado com a pesquisa realizada pelo grupo que participou do curso Historiando os Jenipapo-Kanindé. Como dito, os módulos se interligam diretamente, mas nesta parte se buscou explorar elementos do patrimônio cultural local a partir das pesquisas e inventário realizado pelos grupos temáticos, que são:

- 1. PATRIMÔNIO NATURAL**
- 2. SABERES E MODOS DE FAZER;**
- 3. HISTÓRIAS E LENDAS;**
- 4. EXPRESSÕES CULTURAIS;**
- 5. LUGARES DE MEMÓRIA**

Foram elaborados textos para cada uma das categorias de patrimônio cultural elencadas (nos quais descrevemos os bens culturais mapeados e conceituamos sucintamente cada categoria), que foram ampliados em painéis de PVC. Além destes, foram incorporados ao diálogo os objetos, fotografias e documentos que foram coletados durante a pesquisa. A seguir imagens dos textos dos painéis produzidos pelos grupos de pesquisa para compor as legendas da exposição:

PESQUISANDO NOSSA HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL

Durante o curso Historiando os Jenipapo-Kanindé, realizamos pesquisas sobre a história e patrimônio cultural de nossa comunidade. Parte das informações e materiais coletados integra agora o acervo de nosso museu indígena, lugar onde podemos refletir sobre nossa história, memória e patrimônio cultural.

Mas, o que é cultura? O que é patrimônio? E, afinal, o que é patrimônio cultural? Cultura é nosso modo de vida, é nosso jeito próprio de ser e estar no mundo. É nosso jeito de pescar, plantar e deixar o cabelo crescer. Patrimônio é tudo aquilo que herdamos, mas não só os bens materiais, como uma casa, terras ou objetos, mas também as festividades, os saberes, as crenças. Herdamos de nossos ancestrais também sua cultura: são nossos bens culturais. Portanto, patrimônio cultural é tudo o que herdamos de nossos antepassados que está relacionado à nossa forma de viver, inclusive a nossa história, que esta exposição narra, através de objetos, fotografias e documentos.

Inicialmente, entrevistamos nossos 'guardiões da memória', antigos moradores da Lagoa Encantada, que nos contaram sobre suas trajetórias de vida e lembraram de fatos e pessoas marcantes, como, por exemplo, o nosso cacique Teodorico e sua esposa, Maria do Carmo. Posteriormente, a partir da memória dos antigos, fizemos um mapeamento do nosso patrimônio cultural, com a formação de grupos que pesquisaram sobre o Patrimônio Ambiental ou Natural, os Lugares de Memória, os Saberes e Modos de Fazer, as Histórias e Lendas e as Manifestações Culturais. Para cada uma destas temáticas, elaboramos uma listagem com o objetivo de realizarmos um inventário, que é uma espécie de mapeamento descritivo, e escrevemos textos sobre estas histórias, lugares, técnicas, pessoas, saberes e mitos importantes, ontem e hoje, no passado e no presente. Esta exposição mostra um pouco do que nossos ancestrais nos ensinaram, algo que nós transmitiremos aos que viverão na Lagoa Encantada futuramente: as gerações posteriores, os nossos descendentes.

HISTORIANDO OS JENIPAPO-KANINDÉ

Nós, índios Jenipapo-Kanindé habitamos às margens da Lagoa da Encantada, em Aquiraz, Ceará. Até meados da década de 1980, éramos conhecidos pelas comunidades vizinhas como os “Cabeludos da Encantada”, numa referência ao nosso jeito diferente de ser. Assessorados pela Pastoral Indigenista da Arquidiocese de Fortaleza, por entidades indigenistas e por grupos vinculados à Universidade, nos assumimos enquanto indígenas Jenipapo-Kanindé ao mesmo tempo em que iniciamos nossa mobilização política através da participação nas articulações do movimento indígena cearense. Junto aos Pitaguary (Maracanaú e Pacatuba), protagonizamos um segundo momento no despertar das comunidades indígenas no Ceará, no início da década de 1990. Àquela época, apenas as etnias Tapeba (Caucaia) e Tremembé (Almofala) haviam levantado a bandeira indígena no estado. Desde então, passamos a lutar pelo reconhecimento oficial da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que ocorreu entre de 1997 e 2002, quando um Grupo Técnico designado pelo órgão realizou os estudos visando o reconhecimento étnico, a identificação e delimitação da nossa Terra Indígena Lagoa Encantada.

Há, nas lembranças dos mais velhos, referências aos nossos antepassados que pertenciam à etnia Payaku, um dos principais grupos que lutaram e resistiram contra o avanço dos invasores europeus, principalmente criadores de gado, nos séculos XVII e XVIII, na capitania do Siará-Grande. Ao nos assumirmos como Jenipapo-Kanindé, reafirmamos nossa indianidade e passamos a nos mobilizar em busca de direitos constitucionais garantidos aos povos indígenas a partir da Constituição de 1988, principalmente a demarcação de nossas terras.

A terra herdada de nossos antepassados, a Lagoa da Encantada, junto com sua mata circundante, são as fontes de nossa sobrevivência física e cultural, espaços sagrados onde moram nossos mitos e encantos ancestrais. Esta íntima relação entre natureza e cultura é fundamental para nosso reconhecimento enquanto povo indígena e para o fortalecimento do nosso sentimento de identificação enquanto Jenipapo-Kanindé.

Esta exposição é resultado das atividades do curso “Historiando os Jenipapo-Kanindé”, realizado através de uma parceria entre nossa comunidade, o Projeto Historiando e a Ong Tremembé, entre julho e agosto de 2010. Durante este curso, estudantes, professores e lideranças comunitárias, realizamos uma pesquisa coletiva sobre nossa história e patrimônio cultural. Planejada como parte do processo de organização do museu indígena dos Jenipapo-Kanindé, esta exposição tem por objetivo contar a partir de nossas memórias e histórias uma outra versão da formação histórica deste território que hoje chamamos de Ceará.

Patrimônio Natural

A natureza também é nosso patrimônio. Nossa terra é um lugar privilegiado do ponto de vista natural: uma linda paisagem permeada por dunas, riachos, lagoas e uma densa mata nativa. Ao fundo, o mar. Consideramos como nosso Patrimônio Natural, bens como as dunas, as lagoas, a maré, o mangue e etc. Mais do que preservar a natureza, a defesa de nosso meio ambiente possibilita a preservação de nossa história e do nosso modo de viver, que está relacionado diretamente com a saúde de nossos recursos naturais.

Lugares de Memória

Os Lugares de Memória são os locais cujo significado está relacionado com nossas lembranças coletivas, por isso são importantes espaços de construção e preservação de nossa memória comunitária. Entre os nossos lugares de memória destacamos: o Morro do Urubu, a Lagoa da Encantada, as Taperas, as mangueiras, a escola antiga e a nova, o galpão de artesanato, a casa de farinha dentre outros. Cada um destes locais recebeu significados a partir de nossa vivência coletiva neles, do que representam para nossa comunidade, de fatos que lá aconteceram e de pessoas a eles relacionados.

Saberes e modos de fazer

Os Saberes e Modos de Fazer são os conhecimentos tradicionais que possuímos para a construção de nossos produtos e objetos de forma artesanal ou manual, muitos deles para uso doméstico e cotidiano, que expressam a experiência acumulada pelo esforço contínuo das várias gerações. Estes saberes se relacionam diretamente com o nosso modo de vida, pois em cada grupo social possuem características próprias, já que foram se constituindo a partir das relações entre as pessoas, das matérias-primas e das condições presentes em cada lugar. Cada comunidade elabora suas formas próprias para sobreviver, que são provenientes das incorporações e descobertas obtidas através dos desafios, das suas vivências e das experiências através das gerações, transmitidos principalmente através da oralidade. Dentre os saberes presentes em nossa comunidade, destacamos nossos modos de pescar, caçar e plantar, as técnicas para a construção de objetos com cipó (como o cesto e o uru), o modo de fazer a farinhada e o mocororó, nossa bebida tradicional feita do cajú. De longa data, também praticamos a cata de mariscos (como o caranguejo, camarão, o búzio, a picholeta, o aratú e o siri), nos mangues, riachos e na maré. Outros saberes estão relacionados com os modos de curar, como o uso de chás feitos com ervas e as práticas de rezadeiras e curadores. Nossas antigas parteiras merecem recordações especiais. Elas eram conhecidas na comunidade como “cachimbeiras”: a Luíza, a Maria do Carmo, a Mundinha e a Rosa, de saudosa memória.

HISTÓRIAS E LENDAS

Foi através da tradição oral, contando uns para os outros através das gerações, que fomos transmitindo os conhecimentos fundamentais que possibilitaram que nossa comunidade indígena se mantivesse unida durante os tempos difíceis pelos quais já passamos. Através do depoimento dos antigos, guardamos as histórias que mais marcaram a nossa comunidade, que mostram um pouco da trajetória coletiva desde antes da nossa organização enquanto grupo indígena, do início do processo de articulação comunitária e mobilização para o reconhecimento étnico e acesso à demarcação territorial.

Grande parte das lendas que se contam em nossa comunidade têm relação com a Lagoa da Encantada, fonte de todo mistério, encanto e ancestralidade de nosso povo. Estas lendas são um conjunto de narrativas contadas pelos mais antigos, algumas possuem versões com pequenas diferenças entre si, sendo o enredo principal quase sempre o mesmo. Outras são compartilhadas também por diversas comunidades indígenas, litorâneas e sertanejas do Ceará, como a do Assobiador e a Caipora.

Diz-se que já se viu várias coisas na Lagoa Encantada: navios com banda de música e missa, peixe de ouro, cordão de ouro, cobra, um sol embaixo d'água, peixes que viraram tocos, sereias, mãe d'água, reinos encantados etc. O Morro do Urubu é outro lugar sobre o qual nossos antigos sempre nos contaram histórias. Dizem que os dois são encantados, mas não é todo mundo que vê os encantos destes lugares. Só aparecem para alguns. Apareciam sempre pro Cacique Teodorico, que contava pra todo mundo. Alguns viam, outros não. Dizem que tem que acreditar, para ver...

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Nossa diversidade cultural pode ser percebida através das diversas festas, celebrações e manifestações culturais presentes e praticadas na Lagoa Encantada. Durante nossa pesquisa para construção do museu, realizamos um mapeamento das expressões culturais hoje existentes na comunidade e as que existem nas memórias dos mais antigos. O nosso antigo cacique Teodorico foi um grande guardião da memória destas brincadeiras praticadas pelas gerações anteriores. Graças a ele, várias músicas, danças, saberes, crenças e mitos, vindos de nossos ancestrais, foram transmitidos aos mais novos. Brincadeiras como o Boi (Reisado) e a Caninha-Verde que, apesar de atualmente não estarem mais sendo praticadas, deles conseguimos registrar uma série de músicas, os formatos dos trajes, os personagens e suas funções. Além destas, os dramas, a dança do Coco e cantorias de viola também são muito lembrados em nossa memória.

Hoje, não podemos esquecer de duas expressões diretamente ligadas com a nossa afirmação étnica: o Toré, nosso ritual sagrado, e a Festa do Marco Vivo, uma comemoração que migra para vários pontos de nossa terra a cada ano, celebrando a Mãe-Terra. Há ainda as quadrilhas, em junho, e a festa da farinhada, que ocorre de tempos em tempos, quando da colheita da mandioca para a produção da farinha e seus derivados.



FARINHADA

A farinha é uma atividade ainda hoje muito conhecida e praticada em nossa comunidade. As famílias se reúnem na casa de farinha. É lá que se produz a farinha de mandioca e seus derivados como a tapioca, a goma, o beiju, o lenço e a borra.

Inicia-se o processo com a arranca da mandioca nas capoeiras ou roçados. Depois de colhida ela é transportada em caçoas, no lombo de animais até o local onde será feita a sua raspagem. Depois de raspada a mandioca é colocada no serrador para ser moída e inicia-se o processo de escoação na qual a massa é colocada dentro de uma giranda, espécie de peneira que separa o líquido da massa.

O líquido é colocado dentro de um grande tanque para dar origem a goma e a borra. Já a massa, é colocada numa prensa para secar. Depois de prensada, a massa é peneirada e levada a uma grande fornalha, mais conhecida por forno, para ser mexida pelo forneiro até dar o ponto, em outras palavras, transforma-se em farinha.

A goma depois de apurada é lavada junta com a borra. Elas são levadas ao sol para secar. Depois de seca é peneirada e levada ao forno para se produzir a tapioca e o beiju. O restante é torrada para o consumo.



5 – Considerações finais

Para finalizar, gostaríamos de ressaltar que o Museu Indígena Jenipapo Kanindé é um processo em construção no interior de nossa comunidade, onde a nossa identidade étnica indígena é ressignificada através da memória dos/nos objetos. Nossas ações e projetos estão relacionados com processos educacionais, de mobilização política e de organização sócio-comunitária, não se constituindo como um museu “sobre” os Jenipapo Kanindé, mas dos próprios Jenipapo Kanindé. A terra herdada de nossos antepassados, a Lagoa da Encantada, junto com sua mata circundante, são as fontes de nossa sobrevivência física e cultural, espaços sagrados onde moram nossos mitos e encantos ancestrais. Assim, não restringimos nosso museu às nossas salas de exposição, é parte dele tudo o que existe sobre o nosso território e no seio da nossa comunidade, são nossos saberes e fazeres, nossas lendas e encantamentos, nossas celebrações e rituais, nosso jeito de ser e viver.

Há pouco tempo, nos filiamos ao Sistema Estadual de Museus do Ceará (SEM-CE) da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará e esperamos nos próximos meses fazer nosso cadastro no Sistema Brasileiro de Museus (SBM) do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Fazemos parte da Rede Cearense de Turismo Comunitário e da Rede Cearense de Museus Comunitários e recebemos a cada dia um número maior de visitantes de toda parte do mundo em nosso museu, trilhas ecológicas e comunidade.

Algumas atividades realizadas há pouco tempo merecem destaque, porque demonstram o atual momento de desenvolvimento em que está a nossa proposta museológica indígena. Recentemente, em outubro de 2011, foi realizada em nossa comunidade a oficina “Captação de recursos para Museus indígenas”, justamente para discutir as demandas para sistematizarmos a proposta a ser encaminhada ao Edital Ponto de Memória. E, no dia 29 e 30 de novembro, está programada uma oficina intitulada “Gestão museológica para museus indígenas”, com núcleos gestores dos museus indígenas cearenses, ministrada pelos historiadores do Projeto Historiando, através do Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos (CDPDH) da Arquidiocese de Fortaleza.

Como demonstrado estamos buscando nos estruturar e capacitar os responsáveis e educadores do MIJK para potencializar nossas ações, melhor acolher nossos visitantes e integrar toda a comunidade em nossas atividades. Sabemos que os desafios são grandes, que os embates em torno da memória e da história são maiores ainda e que o

trabalho está apenas começando. Afinal, como dizem os nossos parentes indígenas Zapatistas “a História não passa de rabiscos escritos por homens e mulheres no solo do tempo. O poder traça o seu rabisco, elogia-o como escrita sublime e o adora como se fosse a única verdade. O medíocre limita-se a ler os rabiscos. O lutador passa o tempo todo preenchendo páginas. Os excluídos não sabem escrever... ainda.” Nos, como guerreiros que somos já decidimos escrever por nós mesmos nossa própria história transformando nosso museu num potencial vetor para dar visibilidade às diferenças culturais e terreno fértil para as lutas provindas do processo de construção social da memória!



Solenidade de abertura do Museu Indígena Jenipapo - Kanindé, setembro de 2010.



Sala de exposição do Museu Indígena Jenipapo - Kanindé, 2010.



Sala de exposição do Museu Indígena Jenipapo - Kanindé, 2010.



Sala de exposição do Museu Indígena Jenipapo - Kanindé, 2010.



Mulheres Jenipapo - Kanindé visitando o MIJK no dia da inauguração, 2010.



Indígenas visitando o MIJK no dia da inauguração, 2010.



Cacique Pequena, Sr. Chiquinho e Bão na abertura do MIJK, 2010.



Representante do Museu Jenipapo-Kanindé na reunião de criação da Rede Cearense de Museus Comunitários, 2011.



Visita do Projeto Patrimônio Para Todos ao Museu Indígena Jenipapo-Kanindé, 2011.



A mediadora do MIJK, Raquel Alves, apresentando o Museu para estudantes do Projeto Patrimônio Para Todos, 2011.

BIBLIOGRAFIA

BEZERRA, Roselane Gomes. O despertar de uma etnia: o jogo do (re)conhecimento da identidade indígena Jenipapo-Kanindé. Universidade Federal do Ceará, Dissertação de Mestrado no Programa de Pós Graduação em Sociologia, 1999.

CORDEIRO, José. Os índios no Ceará – Massacre e Resistência. Fortaleza: Hoje assessoria em educação, 1989.

GOMES, Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. Museus e memória indígena no Ceará: uma proposta em construção. Fortaleza: Museu do Ceará; IMOPEC, 2009.

MACHADO, Padre José de Almeida. Notícia das Freguezias do Ceará visitadas pelo Padre José de Almeida Machado nos annos de 1805 e 1806, extrahida d'um livro de Devassas que serviu na Visita. IN: Documentação primordial sobre a capitania autônoma do Ceará. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

SARAIVA, Carlos Kléber.

THEBERGE, Pedro. Esboço histórico sobre a província do Ceará. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001(1869).

DOCUMENTOS:

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ:

Conjunto CE1.18: Secretaria do Governo da província do Ceará – Offícios ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Livro: L144 - Registro dos offícios da Presidência da província dirigidos ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, 1861-1872)

BRITO, Maria de Fátima Campelo. Resumo do Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Lagoa Encantada. Brasília: Diário Oficial da União, quarta-feira, 18 de agosto de 2004.